Intertextualidade em Ap 14,6-13 e a resistência perseverante à opressão do império

Intertextuality in Rev 14:6-13 and the persevering resistance to the oppression of the empire

Waldecir Gonzaga[225]
Docente no PPG de Teologia da PUC Rio

Vinicius Cardoso von Mengden[226]
Doutorando no PPG de Teologia da Faculdades EST

Resumo: Este artigo demonstra que Ap 14,6-13 foi deliberadamente composto para ser lido em chave intertextual, articulando a tríade "evangelho eterno", "culto ao Criador" e "juízo" como eixo teológico do conflito de adoração em Ap 12–14. A investigação emprega critérios reconhecidos para o rastreio de alusões (Hays, Beale e Mathewson), a fim de evitar paralelomania e distinguir ecos plausíveis de associações livres. Com base nessa metodologia, o estudo mapeia âncoras veterotestamentárias em Isaías (Is 40; 52; 61), Dn 7, Salmos e outras tradições proféticas, mostrando como João se reapropria de léxico e fórmulas para configurar uma teologia do culto que desautoriza a soberania bestial, antecipa a queda de Babilônia e define a identidade dos "santos" como perseverança pactual que guarda os mandamentos e mantém a fé em/fidelidade a Jesus. O contraste "descanso" (14,13) versus "não descanso" (14,11)

Recebido em: 13 set. 2025 Aprovado em: 21 abr. 2026

[225] Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália). Docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/9171678019364477 Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5929-382X E-mail: waldecir@hotmail.com

[226] Doutorando em Teologia Histórico-Sistemática pela Faculdades EST. Mestre em Teologia Bíblica pela Faculdades EST. MBA em Liderança de Novas Gerações pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Possui graduação em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/0209555009023790 Orcid: https://orcid.org/0009-0000-2737-6305 E-mail: prviniciuscardoso@gmail.com

emerge como síntese ética-litúrgica da narrativa: o repouso prometido contrasta com a servidão incessante imposta pelo poder idolátrico. Assim, a leitura intertextual canônica não apenas reconstrói o enredo profético da passagem, mas oferece salvaguardas contra interpretações especulativas, ao submeter as imagens apocalípticas às redes intrabíblicas que lhes dão sentido. Para esta pesquisa, busca-se um estudo bibliográfico, oferece-se o texto de Ap 14,6-13 na língua grega e tradução própria para o português, crítica textual, análise do texto e do tema proposto, apontando para as possíveis leituras e interpretações. Conclui-se, portanto, que João, de fato, utilizou vários textos do AT para transmitir o Evangelho de Cristo aos crentes para animá-los na fé.
Palavras-chave: Apocalipse 14; Intertextualidade; Adoração; Criação; Descanso.

Abstract: This article demonstrates that Rev 14:6-13 was deliberately composed to be read intertextually, articulating the triad of "everlasting gospel", "worship of the Creator", and "judgment" as the theological axis of the worship conflict in Rev 12–14. The investigation employs recognized criteria for tracing allusions (Hays, Beale and Mathewson) in order to avoid parallelomania and distinguish plausible echoes from free associations. Based on this methodology, the study maps Old Testament anchors in Isaiah (Isa 40; 52; 61), Dan 7, Psalms, and other prophetic traditions, showing how John reappropriates of lexicon and formulas to configure a theology of worship that disavows bestial sovereignty, anticipates the fall of Babylon, and defines the identity of the "saints" as covenantal perseverance that keeps the commandments and maintains faith in/fidelity to Jesus. The contrast "rest" (14:13) versus "no rest" (14:11) emerges as an ethical-liturgical synthesis of the narrative: the promised rest contrasts with the incessant servitude imposed by idolatrous power. Thus, the canonical intertextual reading not only reconstructs the prophetic plot of the passage but also offers safeguards against speculative interpretations by subjecting the apocalyptic imagery to the intrabiblical networks that give it meaning. This research seeks a bibliographical study, offering the text of Rev 14:6-13 in Greek and its own translation into Portuguese, textual criticism, and analysis of the text and the proposed theme, highlighting possible readings and

interpretations. It is concluded, therefore, that John did indeed use several Old Testament texts to convey the Gospel of Christ to the believers and encourage them in their faith.
Keywords: Revelation 14; Intertextuality; Worship; Creation; Repose.

Introdução

Este artigo sustenta que Ap 14,6-13 foi composto para ser lido intertextualmente e que sua tríade angélica – evangelho eterno, adoração do Criador e anúncio de juízo – estrutura o conflito de adoração em Ap 12-14, distinguindo verdadeira e falsa lealdade e marcando a perseverança dos santos como identidade pactual. Ao recorrer a fórmulas, imagens e léxicos do AT, o texto afirma a presença soberana de Deus em contexto imperial e antecipa sua justiça, integrando criação, culto e juízo como eixo literário-teológico da perícope.

Metodologicamente, adota-se uma leitura intertextual canonicamente controlada, guiada por critérios de rastreamento de alusões (Hays, 1989, p. 29-32) e por categorias de uso do AT no NT aplicadas ao Apocalipse (BEALE, 2007, p. 41-43; Mathewson, 2003, p. 312–318), a fim de evitar paralelomania e distinguir ecos plausíveis de associações livres.

O estudo se organiza em três movimentos: 1) delimitação textual, tradução e breve crítica textual de Ap 14,6-13; 2) mapeamento das âncoras intertextuais e observações léxico-retóricas; 3) implicações teológicas da leitura intertextual para a compreensão do culto e da perseverança numa sociedade embriagada pelo poder. Nessa chave, a antítese entre o "descanso" prometido (Ap 14,13) e o "não-descanso, dia e noite" (Ap 14,11) emerge como síntese ético-litúrgica do trecho, em que guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus (Ap 14,12) sinaliza lealdade ao Criador no coração da controvérsia.

Enquanto ferramenta hermenêutica, a intertextualidade revela camadas de sentido decisivas em Ap 14,6-13 (Nielsen, 1990, p. 89), num livro marcado por densa rede de alusões ao AT (Shea, 2001, p. 12). Ao identificar recorrências fraseológicas e temáticas que compõem um todo coerente (Song, 2006, p. 164-165), vê-se como o Apocalipse reapropria e reconfigura conceitos, símbolos e narrativas veterotestamentárias para construir sua mensagem

profética, conferindo-lhe profundidade e ressonância histórica (Macpherson, 2005, p. 370). Não se trata apenas de citações explícitas, mas de um espectro que inclui alusão, paródia e apropriação temática (Alkier, 2005, p. 10; Correa, 2015, p. 299).

Em Ap 14,6-13, essa dinâmica parece estar enraizada na legislação e na narrativa mosaica sobre a verdadeira adoração e a obediência (DOS SANTOS, 2012, p. 17). A "marca" da besta e a adoração de sua imagem remetem a padrões de idolatria (sobretudo em Daniel), nos quais a lealdade a Deus se prova pela recusa da adoração idolátrica (Macpherson, 2005, p. 268). A releitura joanina, assim, excede a previsão de eventos e se converte em reflexão sobre identidade e fidelidade do povo de Deus em tempos de crise, conferindo autoridade e densidade semântica à mensagem (Amorim, 2021, p. 396; Dein, 2020, p. 5; Wenkel, 2020, p. 259).

A evidência linguística e conceitual sugere um cenário de testemunho sob juízo: o descanso futuro, em contraste com o tormento contínuo, configura dicotomia escatológica definidora da verdadeira adoração ao Senhor. Nesse quadro, a obediência e a fé ressoam como sinal de lealdade ao Criador no contexto da grande controvérsia (Lichtenwalter, 2011, p. 285), ao passo que o "não-descanso" dramatiza a servidão a poderes opressivos e o desassossego resultante (Lee, 2019, p. 344; Petre, 2021, p. 36). Assim, Ap 14,12 não reduz a obediência a mera observância legalista, mas como símbolo de fidelidade, em antítese à "marca" – entendida por alguns como paródia de um sinal divino (Macpherson, 2005, p. 280-283). A perícope funciona simultaneamente como advertência e chamado à perseverança, definindo a identidade do povo do fim por "guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus" (Newall, 2022, p. 457-458).

1. Delimitação, tradução e crítica textual

A delimitação de Ap 14,6-13 como uma perícope distinta é fundamentada em critérios linguísticos, temáticos e estruturais que a separam do contexto adjacente, tanto no que precede (Ap 14,1-5) quanto no que se segue (Ap 14,14-20) (Aguiar, 2022, p. 391-393). Essa seção é intrinsecamente coesa, apresentando um foco claro na proclamação do evangelho eterno e do juízo divino contra os adoradores da besta e a subsequente "bem-aventurança" dos

santos que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus (Newall, 2022, p. 457).

Observa-se que, apesar de serem três os anjos mencionados, estes, aparentemente, devem ser lidos juntos, uma vez que João apresenta apenas o primeiro com o motivo comum "então vi" (14,6) (Fee, 2023, p. 206). De início, um aviso de julgamento é anunciado ao mundo (vv.6-7). O aviso é seguido por uma denúncia contra um sistema mundial e seus seguidores, resultando em uma condenação ao sistema (v.8) e seus seguidores (vv.9-11). Mas o aviso tem o objetivo de influenciar os crentes a permanecerem fiéis a Cristo para que possam receber uma recompensa eterna (vv.12-13) (Beale, 1999, p. 620).

Quanto ao término da perícope, a transição para Ap 14,14, que inicia a visão da colheita da terra, representa uma mudança significativa na cena e no propósito narrativo, solidificando o encerramento da perícope em Ap 14,13. Essa mudança de foco narrativo e simbólico reitera a integridade textual e temática de Ap 14,6-13 como uma unidade completa, que culmina com a "bem-aventurança" dos que morrem no Senhor, antes do desdobramento dos juízos finais (Möller, 2019, p. 53).

Assim, essa unidade literária se distingue da descrição precedente dos 144 mil e da visão subsequente da colheita e vindima escatológicas (Lourié, 2015, p. 87), formando uma unidade coesa, na qual (a) Ap 14,6-7 constitui o primeiro oráculo ("outro anjo"), com proclamação do evangelho eterno e um chamado à adoração ao Criador; (b) Ap 14,8 apresenta a condenação a Babilônia e seu sistema mundial; (c) Ap 14,9-11 constitui o terceiro oráculo ("outro anjo, o terceiro"), com uma advertência condicional ("se alguém adora…") e sua sanção; e (d) 14,12-13 funciona como aparte editorial e "bem-aventurança" de encerramento, respectivamente, que explicita o contraste ético-teológico com Ap 14,8-11 e prepara a transição para a cena seguinte (a dupla ceifa, Ap 14,14-20).[227]

[227] Comentários de referência usualmente reconhecem Ap 14,6-13 como subseção anterior à visão de colheita (Ap 14,14-20: "*kai eidon, kai idou*"), e destacam Ap 14,13 como uma das sete "bem-aventuranças" do livro, introduzida pela fórmula "ouvi uma voz… 'Escreve: Bem-aventurados…'".

1.1 Tradução e crítica textual

Texto grego de Ap 14,6-13 (NA28)	Tradução portuguesa (própria)
6 Καὶ εἶδον ἄλλον **ἄγγελον** πετόμενον ἐν μεσουρανήματι, ἔχοντα εὐαγγέλιον αἰώνιον εὐαγγελίσαι ἐπὶ τοὺς καθημένους ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ἐπὶ πᾶν ἔθνος καὶ φυλὴν καὶ γλῶσσαν καὶ λαόν,	6 E vi outro **anjo** voando em meio ao céu, tendo um evangelho eterno para anunciar, e os assentados sobre a terra e sobre toda (*cada*) nação, tribo, língua e povo,
7 λέγων ἐν φωνῇ μεγάλῃ· φοβήθητε τὸν θεὸν καὶ δότε αὐτῷ δόξαν, ὅτι ἦλθεν ἡ ὥρα τῆς κρίσεως αὐτοῦ, καὶ προσκυνήσατε τῷ ποιήσαντι τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν καὶ θάλασσαν καὶ πηγὰς ὑδάτων.	7 dizendo em voz alta: "Temei a Deus e dai-lhe glória, porque chegou a hora de seu juízo, e adorai o que fez o céu e a terra, o mar e as fontes das águas".
8 Καὶ ἄλλος **ἄγγελος** δεύτερος ἠκολούθησεν λέγων·ἔπεσεν ἔπεσεν Βαβυλὼν ἡ μεγάλη ἣ ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας αὐτῆς πεπότικεν πάντα τὰ ἔθνη.	8 E outro **anjo**, um segundo, seguiu dizendo: "Caiu, caiu a grande Babilônia, aquela que tem dado do vinho da fúria de sua prostituição a beber a todas as nações".
9 Καὶ ἄλλος **ἄγγελος** τρίτος ἠκολούθησεν αὐτοῖς λέγων ἐν φωνῇ μεγάλῃ· εἴ τις προσκυνεῖ τὸ θηρίον καὶ τὴν εἰκόνα αὐτοῦ καὶ λαμβάνει χάραγμα ἐπὶ τοῦ μετώπου αὐτοῦ ἢ ἐπὶ τὴν χεῖρα αὐτοῦ,	9 E outro **anjo**, um terceiro, os seguiu dizendo em voz alta: "Se alguém adora a besta e a sua imagem, e recebe a marca sobre sua fronte ou sobre mão,
10 καὶ αὐτὸς πίεται ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τοῦ θεοῦ τοῦ κεκερασμένου ἀκράτου ἐν τῷ ποτηρίῳ τῆς ὀργῆς αὐτοῦ καὶ βασανισθήσεται ἐν πυρὶ καὶ θείῳ ἐνώπιον **ἀγγέλων ἁγίων** καὶ ἐνώπιον τοῦ **ἀρνίου**.	10 este também beberá do vinho do furor de Deus, preparado (*derramado*) sem mistura no cálice de sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre diante de **santos anjos** e diante do **Cordeiro**".
11 καὶ ὁ καπνὸς τοῦ βασανισμοῦ αὐτῶν εἰς αἰῶνας αἰώνων ἀναβαίνει, καὶ **οὐκ ἔχουσιν ἀνάπαυσιν** ἡμέρας καὶ νυκτὸς οἱ προσκυνοῦντες τὸ θηρίον καὶ τὴν	11 E a fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e os que adoram a besta e a sua imagem **não têm repouso** (*repouso*), de dia e de

εἰκόνα αὐτοῦ καὶ εἴ τις λαμβάνει τὸ χάραγμα τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ.	noite, e quem quer que receba a marca do seu nome (*dela*).
12 **Ὧδε ἡ ὑπομονὴ τῶν ἁγίων ἐστίν, οἱ τηροῦντες τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ καὶ τὴν πίστιν Ἰησοῦ.**	12 **Nisto está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos** (*preceitos*) **e a fé de** (*em*) **Jesus.**
13 Καὶ ἤκουσα φωνῆς ἐκ τοῦ οὐρανοῦ λεγούσης· γράψον· **μακάριοι οἱ νεκροὶ** οἱ ἐν κυρίῳ ἀποθνῄσκοντες ἀπ᾽ ἄρτι. ναί, λέγει τὸ πνεῦμα, ἵνα **ἀναπαήσονται** ἐκ τῶν κόπων αὐτῶν, τὰ γὰρ ἔργα αὐτῶν ἀκολουθεῖ μετ᾽ αὐτῶν.	13 E ouvi uma voz do céu, dizendo: "Escreve: **Bem-aventurados os mortos**, os que desde agora morreram no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que **recebam repouso** (*descanso*) de suas fadigas (*labores*), pois suas obras os acompanham".

1.2 *Crítica textual*

Quanto à crítica textual, o texto é consistente e estável, tendo apenas algumas variantes pontuais, em sua maioria estilísticas ou de harmonização. As variantes ocorrem nos v.6.7.8.9, mas contam com o apoio dos manuscritos unciais de maior ocorrência para o Livro de Apocalipse. As testemunhas citadas de forma consistente e com frequência para Livro de Apocalipse, segundo a Introdução da NA28, são: 𝔓18, 𝔓24, 𝔓43, 𝔓47, 𝔓85, 𝔓98, 𝔓115; א(01), A (02), C (04), P (025); 046; maiúsculos: 051, 0163, 0169, 0207, 0229; minúsculos: 1006, 1611, 1841, 1854, 2030, 2050, 2053, 2062, 2329, 2344, 2351, 2377, sendo que os minúsculos 2344 e 2377 contam com precário estado de conservação, o que dificulta, em muitos momentos, usá-los para sustentar as opções.

Em Ap 14,6, a primeira questão é a presença ou não de ἄλλον ("outro"): "καὶ εἶδον ἄλλον ἄγγελον...". a leitura com a omissão do termo ἄλλον aparece em 𝔓47, א* 046; 1854, 2344, 𝔐 (Texto Majoritário), as; Or, Vic. Porém, a leitura com ἄλλον (*txt*) é amplamente confirmada por 𝔓115vid, א2, A, C, P, 051, 1006, 1611, 1841, 2053, 2329, latt sy bo. Do ponto de vista interno, o termo ἄλλον ("outro") cria uma tensão estilística (não há "anjo" imediatamente anterior no microcontexto), sendo a leitura mais difícil (*lectio difficilior*), portanto, internamente, "a preferida" (Gonzaga, 2015, p. 221). A leitura com ἄλλον, todavia, é literariamente coesa, pois amarra esse oráculo à cadeia de

intervenções angélicas do livro e, de modo especial, prepara a tríade dos vv.6-11. Ainda no v.6, observa-se a repetição de ἐπὶ (“sobre/para”) antes de “πᾶν ἔθνος, φυλὴ, γλῶσσα, λαός” nas edições críticas, enquanto que o texto bizantino tende a simplificar omitindo a segunda preposição. A diferença é estilística: a repetição intensifica o alcance universal da proclamação, mas sem prejuízos para o texto. Concorda-se com a decisão do comitê central da NA28 em manter o termo no texto.

Em Ap 14,7, duas oscilações chamam atenção. A primeira é θεόν ou κύριον em “φοβήθητε [τὸν] ___”: as edições críticas preferem φοβήθητε θεόν (“temei a Deus”), enquanto o texto bizantino lê φοβήθητε κύριον (“temei ao Senhor”), muito provavelmente por harmonização a fórmulas veterotestamentárias frequentes (“temei ao Senhor”). Externamente, φοβήθητε θεόν goza de apoio antigo; internamente, ajusta-se ao uso característico de Apocalipse, que privilegia a referência a “Deus” (ὁ Θεός) no eixo do culto. A segunda variante é sintática: προσκυνήσατε τῷ ποιήσαντι (dativo, “adorai aquele que fez...”) nas edições críticas, contra προσκυνήσατε αὐτὸν τὸν ποιήσαντα (acusativo com aposto explicativo) na tradição bizantina.

Em Ap 14,8, a variação incide primeiro sobre a constituição e a ordem do sintagma ἄλλος... δεύτερος... ἄγγελος. Encontram-se quatro arranjos nos manuscritos e edições: (1) ἄλλος δεύτερος ἄγγελος; (2) ἄλλος δεύτερος; (3) ἄλλος ἄγγελος; (4) ἄλλος ἄγγελος δεύτερος. A quarta forma — adjetivo “segundo” pós-nominal — é estilisticamente mais áspera e, por isso, mais apta a explicar as demais, oriundas de regularizações previsíveis (anteposição do adjetivo, supressão de *angelos* por haplografia[228], perda de *deuteros*). A presença explícita de δεύτερος em Ap 14,8 também prepara a entrada de τρίτος no v.9 e robustece a macroestrutura triádica. A seguir, o mesmo versículo apresenta a célebre duplicação ἔπεσεν, ἔπεσεν (“caiu, caiu...”), atestada e adotada pelas edições críticas e por TR, em paralelo claro a Is 21,9 (LXX). O Texto Majoritário (𝔐) frequentemente simplifica para um único ἔπεσεν, perdendo tanto o eco intertextual quanto a ênfase retórica. Por

[228] Erro de cópia ou de escrita, por omissão de letras, palavras ou frases que deveriam aparecer duas vezes.

fim, o acréscimo ἡ πόλις ("a cidade") após Βαβυλὼν ἡ μεγάλη ("a grande Babilônia"), presente nas impressões do Texto Recebido (*Textus Receptus*), revela-se uma glosa explicativa tardia: torna explícito o símbolo, mas carece de apoio antigo e facilmente se explica como expansão secundária.

Em Ap 14,9 encontram-se variantes quanto ao objeto de "adorar". O texto crítico lê τὸ θηρίον ("a besta"). Há, porém, duas leituras divergentes. No manuscrito A (*Alexandrinus*) o objeto é θυσιαστήριον ("altar") e o GA 69 traz ποτήριον ("cálice"). Provavelmente, são corrupções por semelhança visual/fonética e/ou assimilação ao ποτήριον ("cálice") do v.10. Os editores da NA28 mantêm θηρίον com apoio maciço dos demais manuscritos, inclusive dos demais de grande peso (Hoskier, 2015, p. 386-389). No restante da passagem, as variantes, além de raras, não possuem impacto semântico de valor para o texto, o que leva a concordar com as decisões tomadas pelo comitê central da NA28, ao assumir as variantes e leituras presentes em seu texto.

2. Mapeamento de âncoras intertextuais

A intertextualidade, entendida como a relação dialógica entre textos que se manifesta através de citações, alusões e ecos temáticos ou estruturais, tem-se consolidado como uma metodologia crítica indispensável para a exegese bíblica (Correa, 2015, p. 299; Nielsen, 1990, p. 89). Reconhece que a densidade e o significado de um texto são enriquecidos pela sua interação com outros textos, especialmente quando o leitor percebe que a repetição de frases e temas semelhantes faz parte de um todo integral (Song, 2006, p. 165).

Para essa análise comparativa, é necessário encontrar o que se chama "âncoras intertextuais", ou seja, passagens anteriores que se fazem presentes no texto analisado, através de elementos que remetem explicitamente ou implicitamente a outros textos, moldando a redação e apontando um caminho para sua interpretação.

Este mapeamento é particularmente pertinente no estudo comparativo do AT e do NT, onde a presença de "âncoras intertextuais" é onipresente e fundamental para a compreensão da continuidade teológica e narrativa. Tais âncoras funcionam como pontos de conexão que revelam como os autores do NT interpretaram e ressignificaram as Escrituras judaicas, estabelecendo uma complexa rede de sentidos. A identificação sistemática dessas âncoras permite

desvendar os artifícios retóricos e as estratégias hermenêuticas empregadas pelos escritores neotestamentários (Amorim, 2021, p. 396).

O Apocalipse é o livro do NT com maior número alusões ao AT (Moyise, 1995, p. 15-16) e a passagem de Ap 14,6-13 segue essa mesma estrutura construtiva. Parece existir uma profunda intencionalidade compositiva na estrutura de Ap 14,6-13, manifestada através de um entrelaçamento complexo de alusões intertextuais e escolhas lexicais deliberadas. A recorrência de certas fórmulas e a criação de antíteses lexicais internas demonstram uma construção retórica que visa guiar a interpretação do leitor para significados teológicos específicos (Rosell, 2011, p. 67).

Para a seleção e análise de porções intertextuais que atuam como âncora para o Apocalipse, segue-se um protocolo simples de triagem a partir dos critérios de Hays (1989, p. 29-32: disponibilidade, volume, recorrência, coerência temática, plausibilidade histórica, história da interpretação, satisfação), dos passos de Beale (2013, p. 68-69: identificação da referência do AT, análise do contexto geral do NT em que ocorre a referência ao AT, análise do contexto imediato do AT em que referência ocorre, pesquisa do uso do texto do AT pelo judaísmo anterior e posterior, comparação dos textos e suas variantes, análise do uso textual que o autor faz do AT, análise do uso interpretativo que o autor faz do AT, análise do uso teológico que o autor faz do AT e análise do uso retórico que o autor faz do AT), somados às sugestões de Mathewson (2003, p. 312-318: uso heurístico, aplicação de critérios internos, conferência de critérios externos, plausabilidade, análise da função da alusão, aplicação e minimalismo). Esses estudos metodológicos nos permitem sustentar que os ecos veterotestamentários em Ap 14,6-13 não são coincidência retórica, mas estratégia compositiva (Gonzaga, 2023, p. 7).

2.1 O evangelho eterno (Ap 14,6)

A expressão εὐαγγέλιον αἰώνιον (“evangelho eterno”), que aparece em Ap 14,6, é um *hapax* no Apocalipse, mas se apoia num campo semântico bem estabelecido pela LXX e pelo NT, por meio do verbo εὐαγγελίζω (“anunciar boas-novas”). No próprio livro, o verbo reaparece em Ap 10,7 (εὐηγγέλισεν), conectando “boas-novas” ao desígnio de Deus consumado no toque da sétima trombeta. Em Ap 14,6, porém, o substantivo “evangelho” recebe a qualificação

"eterno", antecipando sua abrangência e estabilidade: é a boa-nova que deriva do próprio ser e do governo criador de Deus, e não de uma conjuntura histórica passageira.

A passagem parece dialogar diretamente com os anúncios de boas-novas encontrados em Isaías: 1) Is 40,9 (LXX): "Sobe a um alto monte, tu que evangelizas Sião (ὁ εὐαγγελιζόμενος Σιών)... dize às cidades de Judá: 'Eis o vosso Deus'"; o anúncio é teofânico e cultual. Proclamar a boa-nova é apontar a presença soberana de Deus no meio do seu povo; 2) Is 52,7 (LXX): "Como são belos... os pés do que evangeliza (εὐαγγελιζομένου)... que diz a Sião: 'O teu Deus reina (ἐβασίλευσεν ὁ Θεός σου)'"; aqui, boa-nova é o lembrete da realeza de Deus e sua consequência de paz, salvação e juízo que endireita as nações; e 3) Is 61,1-2 (LXX): "O Espírito do Senhor está sobre mim... para evangelizar os pobres (εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς)... proclamar o ano aceitável do Senhor e o dia de retribuição (ἡμέραν ἀνταποδόσεως)"; o anúncio messiânico combina graça (ano aceitável) e julgamento (dia de retribuição).

Esses textos iluminam o conteúdo do "evangelho eterno", em Ap 14,6: a boa-nova apocalíptica não é apenas informativa, mas teo-política e cultual. Anuncia a soberania de Deus (Is 52) que se manifesta como presença (Is 40) e como juízo salvador (Is 61).

Aqui convém lembrar que o termo, tanto no singular, como no plural, εὐαγγέλιον / εὐαγγέλια ("boa notícia", "boas-novas") tinha usos cívicos e políticos, especialmente para anunciar vitórias, entronizações e eventos ligados ao governante – e isso foi conscientemente "reaproveitado" pelos cristãos do séc. I d.C. (Wright, 2005, p. 59-62). Muitos autores veem Mc 1,1 ("Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus") como ressignificação do vocabulário imperial (o "evangelho" de César) à luz das promessas de Isaías – uma afirmação de que a boa notícia governamental verdadeira é a realeza de Deus em Jesus (Mc 1,1.14–15) (Horsley, 2003, p. 55-57).

2.2 Temor, glória e adoração (Ap 14,7)

A sequência "ter um evangelho... para evangelizar" (Ap 14,6) imediatamente se desdobra, em Ap 14,7, em três imperativos cultuais: "Temei a Deus", "dai-lhe glória", "adorai quem fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas". Essa conexão indica que, em João, o "evangelho"

é performativo: seu anúncio convoca e constitui adoradores. A boa-nova não é um conteúdo meramente proposicional; ela age, estabelecendo um povo que teme, glorifica e adora o Criador.

A tríade imperativa de Ap 14,7 – "temei a Deus", "dai-lhe glória" e "adorai" – não é um ajuntamento *ad hoc* de exortações morais, mas uma fórmula cultual coerente que condensa três campos veterotestamentários: 1) a reverência devida ao Deus único; 2) a confissão/atribuição pública de glória; e 3) a adoração dirigida ao Criador. O eixo teológico dessa tríade é a cláusula de criação ("o que fez o céu, a terra e o mar…") que, em Ap 14,7, retoma a linguagem da quarta palavra do Decálogo (Ex 20,11) e a expande com a expressão "as fontes das águas", sinalizando o horizonte cósmico da adoração e a crise do juízo.

"Temer a Deus" (φοβεῖσθαι τὸν θεόν) é o sumário sapiencial da piedade: Ecl 12,13–14 condensa a "essência" do ser humano em "temer a Deus e guardar os mandamentos", culminando com a afirmação de que Deus "trará a juízo toda obra, até o que está oculto".

A expressão "dai-lhe glória" (δότε… δόξαν) tem caráter forense-confessional na Escritura: em Jr 13,16 é chamado profético ao arrependimento "antes que traga trevas", introduzindo cenário de juízo iminente; em Js 7,19 é a fórmula para "confessar" a verdade diante do Senhor (Bauckham, 1993a, p. 64). Em ambos os textos, "dar glória" marca a submissão pública ao veredito divino – precisamente o que Ap 14,7 parece explicitar pela cláusula "porque chegou a hora do seu juízo". O próprio Apocalipse confirma esse uso (temor e glória associados ao juízo): os sobreviventes do terremoto "deram glória ao Deus do céu" (Ap 11,13), reconhecendo a justiça do seu governo – um efeito esperado da pregação do "evangelho eterno" (14,6–7).

Há ainda uma forte alusão a Dn 7 na tríade imperativa. A cena de Ap 14,6-7 ergue um contraponto ao discurso de poder bestial (Ap 13) semelhante ao que Dn 7 opõe ao poder das bestas: em ambos, o tribunal divino estabelece juízo e legitima a fidelidade de seu povo.

Observa-se que Dn 7,9-10.22.26 descreve a instalação do tribunal ("assentou-se o juízo", "foram abertos os livros"), seguido do veredito contra a quarta besta e o domínio dado ao "Filho do Homem" e aos "santos do Altíssimo". Já Ap 14,7 anuncia: "chegou a hora do seu juízo", e a perícope

subsequente (Ap 14,14–20) dramatiza o julgamento, ecoando a lógica de Dn 7: o juízo de Deus reverte a pretensão imperial e entrega o reino ao povo do Cordeiro (Ap 11,15; 12–14). Em ambos, a proclamação do juízo desautoriza a soberania das bestas e autoriza o governo do eleito de Deus (Dn 7,13–14; Ap 14,14).

Os paralelos formulares e lexicais são consistentes. Ambos apontam para a universalidade dos destinatários. Vê-se em Dn 7,14 que "todos os povos, nações e línguas" servem ao Filho do Homem. Já em Ap 14,6, o "evangelho eterno" se dirige a "toda nação, tribo, língua e povo" (Bauckham, 1993a, p. 83-85; 110-111). Os textos também fazem uso de um vocabulário cultual de serviço e adoração. Enquanto Dn 7,14 usa o aramaico *פְּלַח/פלח* ("servir cultualmente") em "para que o servissem todos os povos..." – nas versões gregas (Teodócio) surge o verbo λατρεύειν ("prestar culto") – Ap 14,7 emprega προσκυνέω ("adorar, prostrar-se"), verbo dominante em Apocalipse para a decisão de culto ao Cordeiro/ao Criador *versus* a besta (Ap 13,4.8.12.15; 14,9-11) (Beale, 1999, p. 770-774).

Em Daniel, o léxico da glorificação de Deus circunda as narrativas de julgamento imperial (Dn 5,23: Belsazar "não glorificou o Deus em cuja mão está o teu fôlego"; Dn 6,26: "que todos temam e tremam perante o Deus de Daniel"). Em Ap 14,7**,** "Temei**...** dai-lhe glória" é a resposta pública exigida "porque chegou a hora do seu juízo". A confissão pública ("dar glória") e o temor reverente constituem a atitude apropriada quando Deus instaura o juízo (Bauckham, 1993a, p. 64).

A permanência da soberania divina também é vista nos dois textos. Em Dn 7,14 "seu domínio é eterno (*עָלַם*; LXX: αἰώνιος) e não passará". Já em Ap 14,6, a menção é ao "evangelho eterno" (εὐαγγέλιον αἰώνιον). Como já mencionado, há íntima relação entre "evangelho" e "domínio/governo", o que aponta para conexão entre as passagens.

Por fim, há uma configuração comunitária em comum, com os santos sendo identificados por sua lealdade pactual. Em Dn 7,22.27 "o juízo foi dado em favor dos santos... e o reino... foi dado ao povo dos santos do Altíssimo". Já em Ap 14,12 lê-se "aqui está a perseverança dos santos...". A identidade dos santos se define liturgicamente: em Daniel, por servirem ao Soberano verdadeiro; em Apocalipse, por temerem, darem glória e adorarem o Criador –

fidelidade que se torna marcador pactual no centro do conflito de adoração (Ap 12–14) (Koester, 2014, p. 610-618).

Assim, a tríade de Ap 14,7 combina temor (fundamento ético), glória (confissão pública) e adoração (direcionamento cultual), todos sob o horizonte do juízo. Reunindo densidade programática, sabedoria (temor), confissão forense (dar glória) e liturgia (adorar) sob a rubrica da criação e do juízo. Lida à luz de Ex 20,11, a passagem estrutura uma teologia do culto que, ao mesmo tempo, (a) reafirma o monoteísmo bíblico e (b) desmonta a idolatria imperial ao reposicionar a lealdade pública da comunidade (PAULIEN, 1998, p. 183-186).

2.3 Criação (Ap 14,7)

A cláusula "fez o céu, a terra e o mar" – à qual Ap 14,7 acrescenta "e as fontes das águas" – funciona como marcador do Decálogo e sumário da criação. O paralelismo com Ex 20,11 é patente (Paulien, 1998, p. 183–186; Koester, 2014, p. 612). A mesma fórmula ressoa no hino de Ap 4,11 e no juramento de Ap 10,6, formando um tríptico do Criador (Piazzolla, 2019, p. 287). A inclusão de "fontes das águas" (ausente em Ex 20,11, mas central nos juízos hídricos de Ap 8–9; 16) intensifica o elo criação-juízo (Zhigankov, 2011, p. 171–176). Como nota Bauckham (1993a, p. 33–34, 49), as fórmulas quadripartites (Ap 5,13; 10,6; 14,7) integram uma estratégia que alterna tríades e tétrades com efeito retórico.

O pano de fundo de Ap 14,7 articula-se com o Sl 146,6 (LXX: 145,6) e At 14,15 por meio da mesma fórmula criacional e de sua função retórica. No Sl 146,6, Deus é confessado como "o que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há" (ὁ ποιήσας τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν, τὴν θάλασσαν καὶ πάντα τὰ ἐν αὐτοῖς), imediatamente seguido de ações que expressam fidelidade e justiça (Sl 146,7-9: faz justiça, dá pão, liberta, guarda o estrangeiro). Assim, a criação fundamenta uma ordem moral que Deus sustenta e julga – precisamente o horizonte de Ap 14,7 ("chegou a hora do seu juízo"). A tríade "temei/dai-lhe glória/adorai" é, portanto, a resposta cultual adequada à identidade do Criador que julga com retidão, como o salmo já pressupõe (Hossfeld; Zenger, 2011, p. 609-610).

Em At 14,15, Paulo e Barnabé conclamam: "convertei-vos desses ídolos ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há" (ὃς ἐποίησεν... καὶ πάντα τὰ ἐν αὐτοῖς), desenvolvendo a partir daí a providência do Criador (chuvas, estações frutíferas, fartura; Ap 14,17). A mesma fórmula opera agora em chave missionária e anti-idolátrica: a criação deslegitima o culto às criaturas e convoca à adoração exclusiva. Ap 14,7 retoma esse *topos*, mas o intensifica: transforma a apologia missionária de At 14,15 em imperativo litúrgico universal ("adorai") sob a urgência do juízo iminente (Keener, 2013, p. 1296).

Literariamente, as três passagens compartilham o *tricolon* criacional "céu/terra/mar" (Sl 146,6; At 14,15; Ap 14,7), variando a quarta posição: "tudo o que neles há" (Salmo; Atos) ressalta a plenitude da criação; "as fontes das águas" (Ap 14,7) particulariza o domínio do Criador sobre o sustento da vida e prepara o leitor para os juízos hídricos do livro (Ap 8–9; 16). (Paulien, 1998, p. 183-186; Zhigankov, 2011, p. 171-174; Bauckham, 1993a, p. 33-34, 49).

2.3 A queda de Babilônia (Ap 14,8)

A segunda mensagem angélica (Ap 14,8) concentra um dossiê profético de queda que João compõe por citação de Is 21,9 e alusão temática de Jr 50-51. A fórmula "Caiu, caiu Babilônia" (Ἔπεσεν, ἔπεσεν Βαβυλὼν ἡ μεγάλη) reproduz a cadência de Is 21,9 (ἔπεσεν Βαβυλών...), mas substitui o complemento "e todas as suas imagens foram despedaçadas" pelo motivo do vinho: "porque do vinho do furor da sua prostituição tem dado a beber a todas as nações" (Ap 14,8b). Essa substituição programática desloca o eixo de Is 21,9 (idolatria–imagens) para o léxico de intoxicação de Jr 51,7-8 ("taça de ouro na mão do Senhor... embriagou toda a terra; as nações beberam do seu vinho; por isso enlouqueceram... Babilônia caiu de repente"), criando uma colagem profética que caracteriza a queda como desmascaramento do culto sedutor de Babilônia (Bauckham, 1993a, p. 21-22).

A expressão duplicada "caiu, caiu" funciona como sinalizador literário da tradição oracular de queda (Is 21,9; 24-27; 47), mas sua justificativa em Ap 14,8 é a "prostituição" de Babilônia (metáfora para idolatria e cumplicidade econômico-política) que inebriou "todas as nações" (Jr 51,7; 50,38; 51,39). O resultado é

o pareamento entre veredito (Isaias) e causa (Jeremias): a queda é declarada (Is 21,9) porque a sedução de Babilônia corrompeu as nações (Jr 51).

O binômio vinho–prostituição (Ap 14,8) inaugura, no próprio capítulo, uma antítese de cálices: o "vinho do furor da prostituição" (Ap 14,8; 18,3) contrasta com o "vinho do furor de Deus" (Ap 14,10; 16,19). João, assim, parodia a economia desvirtuada de Babilônia: seu vinho "universal" promete prazer e poder, mas resulta em embriaguez e loucura (Jr 51,7), ao passo que o vinho divino desfaz a intoxicação pela retribuição justa (Is 51,17.22; Jr 25,15-17). O duplo emprego de θυμός (paixão/fúria) intensifica a ironia semântica: a **"**paixão**"** da prostituição de Babilônia (Ap 14,8; 18,3) conduz ao **"**furor**"** do juízo (Ap 14,10).

A universalidade ("todas as nações") retoma o horizonte imperial de Jr 50-51 e amplia o alcance de Is 21,9: a queda não é local, mas civilizacional. O aoristo "caiu" (duplicado) declara como irrevogável aquilo que o drama do livro ainda desdobrará (Ap 16-18). Em termos de composição, Ap 14,8 é um anúncio-sinal antecipatório de Ap 18,2-3, onde a mesma fórmula de Isaías retorna com a doxologia de ruína e a denúncia de Jeremias do comércio, luxúria e feitiçaria.

2.5 A marca da besta (Ap 14,9)

A advertência de Ap 14,9-11 pressupõe o léxico e as imagens de Ap 13,16-17: a "marca" (χάραγμα) imposta "na mão direita ou na fronte" como sinal de lealdade cultual-econômica ao império/besta. João constrói essa cena como contrasselo paródico de motivos veterotestamentários de sinal/inscrição na mão e na testa associados à pertença a Deus e à obediência cultual.

Nos livros de Êxodo e Deuteronômio, "sinal na mão" e "memorial entre os olhos" marcam a internalização pública da Torá (Ex 13,9.16; Dt 6,8; 11,18). Osborne (2002, p. 372) observa que João e seus leitores "provavelmente veriam" o χάραγμα como paródia do *Shemá*: um sinal visível de fidelidade, agora invertido para a idolatria imperial.

Em Ez 9, o mensageiro "marca com um sinal" (a letra *taw*) a testa dos que suspiram pela idolatria de Jerusalém, preservando-os do juízo. João já contrastara o selo de Deus na fronte (Ap 7,2-4) com a marca da besta, e

Osborne (2002, p. 373) vincula explicitamente Ap 7 e 13 a Ez 9,4-6, sublinhando que a "marca" em Ap 13–14 é o espelho maligno do selo protetor (Block, 1997, p. 307-308).

A tiara do sumo sacerdote levava gravado "SANTO AO SENHOR" sobre a fronte (Ex 28,36-38). Em Ap 3,12 e 22,4, os vencedores trazem "o nome de Deus" na testa, sinal de consagração; Ap 14,1 condensa essa teologia. A "marca" da besta (Ap 13,16-17; 14,9) reproduz e perverte esse padrão sacerdotal: um selo/inscrição que sinaliza pertença e culto, mas agora ao anti-Deus (Osborne, 2002, p. 155-156).

A autogravação de pertença ("do Senhor") ecoa o mesmo campo semântico de inscrição identitária – linguagem que Apocalipse redistribui na testa (lado visível da lealdade) e na mão (lado operativo/performativo), reforçando o binômio crer/agir, já insinuado por Dt 6,8.

No mundo greco-romano, χάραγμα designa cunho de moeda, estampa, "marca" de propriedade (especialmente de escravos/soldados) (Mounce, 1998, p. 259). Osborne (2002, p. 373) ilustra com o episódio ptolemaico de marcação com a hera de Dioniso[229] e lê Ap 13,16-17 como política de controle cultual-econômico: sem o sinal de lealdade, "ninguém podia comprar nem vender". A seção também remete ao dossiê do culto imperial como pano de fundo da imposição institucional dessa marca (Aune, 1998, p. 776-778).

Em Ap 13–14, João estrutura um jogo de paródias: a "trindade" dragão-bestas, o "milagre" de cura, e, por fim, a marca que se contrapõe ao selo (Ap 7; 14,1). A consequência é litúrgica: Ap 14,9 denuncia quem adora a besta e recebe sua marca – a junção de culto e lealdade política. O bloco Ap 13–14 enfatiza que não há neutralidade: ou o nome de Deus na testa (Ap 14,1), ou a marca da besta (Ap 14,9-11) (Osborne, 2002, p. 358-360).

[229] Episódio narrado em 3 Mac 2,28-30, quando Ptolemeu IV Filopátor (séc. III a.C.), devoto de Dioniso, decreta em Alexandria que os judeus sejam recenseados e marcados a fogo com a folha de hera, emblema dionisíaco; quem aceitasse a iniciação nos "mistérios" manteria a cidadania, quem recusasse sofreria sanções e até execução. A marca funcionava como sinal público de lealdade religiosa e cívica, rompendo identidades anteriores e impondo nova pertença cultual. Osborne cita precisamente esse caso para ilustrar o χάραγμα ("marca") em Ap 13–14 como paródia do "selo" divino e como instrumento de controle social/econômico e de culto estatal.

A leitura da "marca da besta" em Ap 14,9 não nasce de especulação, mas de uma teia de referências bíblicas do AT: a) sinais na mão/testa (Ex 13,9.16; Dt 6,8) como memória obediencial; b) o *taw* de Ezequiel como selo protetor; c) a inscrição sacerdotal como paradigma de consagração; d) a autodeclaração de pertença (Is 44,5) (Beale, 1999, p. 715-716; Yarbro Collins, 1977, p. 252). João reaproveita esse vocabulário para denunciar a exigência imperial de culto totalizante que invade a vida econômica (Smalley, 2005, p. 349). Assim, a marca torna-se anti-sacramento de fidelidade, ou seja, o "sinal" bíblico de pertença a Deus, é invertido em lealdade à besta, precisamente o que o anjo de Ap 14,9-11 condena.

2.6 Cálice/vinho da ira de Deus, fumaça e o não-descanso "dia e noite" (Ap 14,10-11)

O texto grego afirma: "πίεται ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τοῦ θεοῦ, τοῦ κεκερασμένου ἀκράτου ἐν τῷ ποτηρίῳ τῆς ὀργῆς αὐτοῦ" – literalmente, "beberá do vinho do furor de Deus, preparado sem mistura, no cálice de sua ira". Trata-se de um motivo amplo no AT, em que Deus faz as nações beberem o vinho do seu juízo; em Jr 25,15-17, o profeta deve oferecer o "cálice do vinho do furor" a todas as nações; em Is 51,17-22, Deus retira de Jerusalém o "cálice do atordoamento" com que ela estava embriagada; no Sl 75,8 (MT)/74,9 (LXX), o Senhor tem um cálice de vinho forte e preparado (מָלֵא מֶסֶךְ), que os ímpios beberão "até as borras". A LXX preserva a noção de "vinho preparado", mas a exprime com o aparente paradoxo "misturado" (κεκερασμένος), porém "não diluído" (ἀκράτος): no mundo greco-romano o vinho era normalmente diluído; ἀκράτος indica "força máxima", enquanto κεράννυμι sugere preparação com especiarias (intensificação, não diluição). Ap 14,10 herda exatamente essa tensão da LXX e a combina com o motivo profético do cálice (Jr 25; Is 51), articulando a fórmula característica do livro: o juízo é preparado por Deus e vem sem qualquer mitigação. Outras passagens correlatas incluem Ez 23,31-34, Hab 2,15-16, Lm 4,21 e Sl 60,3.

A cláusula "não têm descanso, dia e noite" (οὐκ ἔχουσιν ἀνάπαυσιν ἡμέρας καὶ νυκτός; Ap 14,11) condensa duas linhas veterotestamentárias: 1) a semântica do não-*shalom* dos ímpios (Is 48,22; 57,20-21), em que o mar revolto figura a impossibilidade de repouso; e 2) a imagem judicial da fumaça

que sobe perpetuamente (Is 34,10), retomada em Ap 14,11 e 19,3. O binômio "dia e noite" funciona como fórmula de continuidade irrevogável do veredito, em contraste deliberado com o repouso prometido aos fiéis (Ap 14,13; 6,11; 4,8; 20,10).

No plano retórico, João cria uma antítese interna entre ἀνάπαυσις ("negada", em Ap 14,11) e ἀναπαύσονται ("afirmada", em Ap 14,13): enquanto os "mortos no Senhor" descansam de seus trabalhos, os adoradores da besta não têm descanso, dia e noite – contrapartida invertida do repouso santificado que sinaliza a aliança do Criador (Gn 2,2-3; Ex 20,8-11). João reemprega o tríptico de Is 34,9-10 (piche/enxofre; "não se apagará... dia e noite"; "sua fumaça subirá para sempre") para moldar "atormentado com fogo e enxofre", "o fumo do tormento sobe pelos séculos dos séculos" e a cláusula "não têm descanso, dia e noite" (Ap 14,10-11; 19,3), paralelismo reconhecido amplamente (Aune, 1998, p. 824; Lichtenwalter, 2011, p. 318-319).

Assim, "dia e noite" em Ap 14,11 não só intensifica o caráter totalizante do juízo, mas também delimita teologicamente o destino de quem adere ao culto da besta como negação perene da "bem-aventurança" – uma anti-liturgia que espelha (e subverte, por inversão) o louvor incessante "dia e noite" do trono (Ap 4,8) e o "repouso de suas fadigas" prometido ao povo de Deus (Hb 4,9-11; Ap 14,13) (Beale; Carson, 2007, p. 1081–1083).

2.7 Perseverança, mandamentos de Deus e fé em Jesus ***(****Ap* ***14,12)***

Ap 14,12 condensa uma fórmula identitária ("a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em/fidelidade a Jesus") que João monta a partir de padrões de aliança do AT (Koester, 2014, p. 615).

O título "santos" (οἱ ἅγιοι) remete ao vocabulário de Daniel para o povo fiel sob opressão (Dn 7,18.21.25; 12,7.12) (Aune, 1998, p. 824). Em Daniel, os "santos" são pressionados pelo poder bestial, mas perseveram "até o tempo determinado"; essa matriz reaparece em Ap 13–14 (guerra contra os santos, Ap 13,7; chamada à ὑπομονή, Ap 13,10; 14,12), de modo que a paciência escatológica é a forma da fidelidade em meio ao império. Além de Daniel, a semântica de "esperar/aguardar o Senhor" parece ter um pano de fundo em

"esperei pelo Senhor" (Sl 37,7; 40,2: LXX), "esperarei no Senhor" (Is 8,17; 25,9), e a bem-aventurança de "quem espera" (Dn 12,12), configurando a perseverança como ato de confiança pactual.

A cláusula ἐντολὰς τοῦ θεοῦ ("mandamentos de Deus") é deuteronômica: as fórmulas identitárias de Dt 10,12-13; 11,1; 30,20 e Js 22,5 agrupam verbos de lealdade ("temer/amar/servir/andar/guardar"), definindo o povo pela obediência à aliança (Hoskins, 2018, p. 114-116). Em Ap 12,17 e 14,12, João retoma esse refrão para contrapor a observância do mandamento ao culto imperial (Ap 13,4.8.12.15). O eco do *Shemá* (Dt 6,4-9; 11,18-21) é reforçado pela teia semântica mão/testa (sinal visível de pertença), já acionada em Ap 13,16-17 como paródia idolátrica. Assim, "guardar os mandamentos" em Ap 14,12 não é legalismo residual, mas marcação pactual: o povo de Deus demonstra lealdade cultual-ética ao Criador mesmo em face da economia de adoração da besta. Em termos semânticos, no *corpus* joanino, ἐντολαί inclui tanto o ensinamento de Jesus (Jo 14-15; 1Jo 2-5) quanto o horizonte da Torá (Paulien, 1998, p. 183-186; Osborne, 2002, p. 390).

A expressão πίστις Ἰησοῦ ("fé de/em Jesus") pode ser entendida, gramatical e semanticamente, como objetiva ("fé em Jesus") ou como fidelidade a Jesus (uso ético de πίστις) (McFadden, 2023, p. 237-240). Em qualquer leitura, João conecta a lealdade vertical a Deus (guardar seus mandamentos) com a confiança/fidelidade cristocêntrica, dando continuidade ao binômio de Ap 12,17 ("mandamentos de Deus" + "testemunho de Jesus"). A ligação com Hab 2,3-4 (*'ĕmûnâ* → πίστις) é frequente na tradição cristã (Gonzaga; Cardoso Júnior, 2023, p. 29-67; Gonzaga; Silva Filho, 2023a, p. 119-144; 2023b, p. 171-200): "o justo viverá por sua fidelidade" fornece um léxico de perseverança crente que João dramatiza em chave martirial (Ap 13,10; 14,12-13) (Paulien, 1998, p. 183-186).

2.8 A bem-aventurança do descanso ***(Ap 14,13)***

A "bem-aventurança" de Ap 14,13 sela a seção com um oráculo de descanso (ἀναπαύω), em contraste deliberado com a cláusula de Ap 14,11 ("não têm descanso, dia e noite"). A antítese é retoricamente programática: os fiéis "descansam de seus labores" não por inércia, mas como consumação da fidelidade cuja memória ("as suas obras os acompanham") é ratificada pela voz

do Espírito – elemento que integra Ap 14,13 ao conjunto das "bem-aventuranças" joaninas e dos "oráculos proféticos" que irrompem ao longo do Livro de Apocalipse (Bauckham, 1993a, p. 27, 126-131).

Isaías descreve a sorte do justo que "entra na paz; descansam nos seus leitos" (Is 57,2), em contraste com o mar inquieto do ímpio (Is 57,20–21). A LXX emprega o campo semântico de ἀναπαύω para esse repouso *post-mortem*, o que fornece o vocabulário e a lógica antitética reaproveitados em Ap 14,11-13: os adoradores da besta "não têm ἀνάπαυσις", ao passo que os que morrem "no Senhor" ἀναπαύονται "dos seus labores". Kuryliak e Kuryliak (2025, p. 152-153) explicitam esse paralelismo semântico e temático (Is 57,2 // Ap 14,13; Is 57,20–21 // Ap 14,11), observando que a metáfora de descanso vincula a cessação de fadigas à paz concedida por Deus aos fiéis.

Em Dn 12,13, o profeta ouve: "Tu, porém, vai até o fim; e descansarás (וְתָנוּחַ / ἀναπαύσῃ), e te levantarás para receber a tua sorte no fim dos dias." A sentença consolida o par "descanso/espera" como marca do justo entre a morte e a ressurreição. Em Apocalipse, João retoma essa matriz apocalíptica: o "descanso" dos mortos no Senhor (Ap 14,13) e o "repouso por pouco tempo" dos mártires sob o altar (Ap 6,11) ecoam Dn 12,13, articulando esperança de vindicação e continuidade de identidade ("suas obras os acompanham"). Estudos recentes mostram explicitamente o nexo Ap 6,11 e 14,13 com Dn 12,2.13, inclusive no nível verbal (ἀναπαύω) e na estrutura da "esperança de ressurreição" (Kuryliak; Kuryliak, 2025, p. 153-154).

Em termos teológicos, o "descanso" de Ap 14,13 é visto como dom escatológico aos mártires e perseverantes – e funciona, no plano narrativo, como a resposta positiva ao "anti-descanso" de Ap 14,11. Embora Apocalipse não utilize κατάπαυσις, a continuidade temática é robusta: o repouso de Deus fundamenta o descanso pactual, que Hb 4 atualiza cristologicamente (σαββατισμός). Em Ap 14, a promessa é escatológica: a morte "no Senhor" abre o repouso das obras.

3. Implicações teológicas da leitura intertextual de Ap 14,6-13

Ler o Livro de Apocalipse por meio da intertextualidade – mapeando citações, alusões e ecos, e reaproveitamentos controlados de textos

veterotestamentários dentro do próprio cânon, não é apenas uma opção metodológica entre outras: parece corresponder à forma como o livro foi composto para ser lido. Estudos de referência mostram que João tece "um padrão de alusão disciplinada e deliberada a textos específicos do Antigo Testamento" (Bauckham, 1993a, Introdução, x-xi), de modo que o contexto veterotestamentário convocado pela alusão torna-se parte constitutiva do sentido que o Apocalipse comunica (não mero ornamento estilístico). Em termos efetivos, "é um livro concebido para ser lido em constante relação intertextual com o Antigo Testamento" (Bauckham, 1993a, Introdução, xi) e como clímax da profecia bíblica. No Livro de Apocalipse é possível encontrar tanto a leitura intrabíblica como a extrabíblica, embora não tenham o mesmo peso hermenêutico (Bauckham, 1993a, introd. xi–xii).

A centralidade do AT no Livro do Apocalipse é verificável de forma discreta, inteligente e sutil: João quase não usa fórmulas de citação, mas "entrelaça" palavras e frases veterotestamentárias em sua própria composição. O Apocalipse contém mais alusões ao AT (citações implícitas) do que qualquer outro escrito neotestamentário – e poucas citações explícitas –, o que torna indispensável rastrear essas alusões e seus contextos para reconstruir o argumento joanino, visto que falta a materialidade que só é possível verificar em uma citação explícita. Em termos práticos, isso significa que o leitor que não atentar para as principais alusões pouco (ou nada) entenderá do que as imagens comunicam. (Moyise, 1995, p. 14-16). Porém, suas implicações hermenêuticas são decisivas, em quatro direções:

1) a intertextualidade, entendida canonicamente, funciona como critério de análise: por "pressuporem seus contextos" e redes de conexão bíblica, as alusões limitam o campo semântico das imagens e afastam interpretações *ad hoc*. Nas palavras de Bauckham (1993b, p. 34–35), as alusões "criam um reservatório de sentido que pode ser progressivamente explorado", mas não arbitrariamente expandido: o próprio AT regula esse processo de exploração;

2) a intertextualidade canônica oferece uma salvaguarda que preserva de leituras especulativas (por exemplo, o "decifrar códigos" desconectados do cânon ou a captura por agendas político-culturais do presente). Beale (1998, p. 34-40) critica abordagens que postulam "significados sempre abertos" gerados

primordialmente por interpretações dos leitores. Segundo ele, o Apocalipse cria novidades justamente a partir de uma releitura orgânica do AT em continuidade com o seu sentido literário-teológico, não por ruptura ou por significados que não condizem com o texto. Em suma, o livro convoca a uma resposta ética pautada no discernimento textual e no sentido pleno da Escritura;

3) permanecer dentro de uma abordagem canônica, e do "texto canônico" como referencial hermenêutico, não é uma restrição empobrecedora, mas um ganho epistemológico. Uma teologia canônica, ao afirmar o valor do cânon para conhecer a vontade de Deus, baliza o processo interpretativo e fornece critérios para a afirmação da fé (p. ex.: primazia do cânon sobre tradições extrabíblicas, sem desmerecer o valor das mesmas). Em termos metodológicos, isso reforça que a leitura intertextual do Livro de Apocalipse – que parte e retorna ao cânon – é particularmente apta alimentar a fé pessoal e eclesial, além de coibir leituras sensacionalistas ou fundamentalistas (Peckham, 2016, p. 73-74).

4) as vantagens heurísticas do método intertextual são tangíveis: (a) ele reconstitui o horizonte profético do livro (p. ex.: a reapropriação de Daniel, Isaías, Ezequiel e Salmos) como chave de leitura (Gonzaga; Ribeiro, 2024, p. 1-29); (b) torna verificável a coesão teológica interna (o motivo do Cordeiro vitorioso, o culto, o juízo, o êxodo escatológico, a Nova Jerusalém etc.) porque cada motivo é ancorado em redes intrabíblicas reconhecíveis, sem ignorar as extrabíblicas; (c) favorece leituras eclesialmente válidas e maduras, nas quais a novidade retórico-poética do Apocalipse nasce da reinterpretação cristológica do AT, igualmente presente e valorizada nos demais textos do NT. Em outras palavras, a intertextualidade bíblica não "fecha" o texto; ela abre o texto na direção do cânon, permitindo que sua polifonia simbólica seja lida com rigor canônico e imaginação ao mesmo tempo. (Bauckham, 1993b, p. 20-22, 34-35; Moyise, 1995, p. 14-16).

Aplicando o método intertextual em Ap 14,6-13 encontramos um texto fortemente ancorado no AT. O anúncio do "evangelho eterno" (Ap 14,6) retoma Isaías ao proclamar presença teofânica ("Eis o vosso Deus", Is 40,9), realeza que traz paz, salvação e juízo (Is 52,7) e esperança de graça e juízo (Is 61,1-2). O vocábulo εὐαγγέλιον, ressignificado pelos cristãos do séc. I d.C., frente à

propaganda imperial, deixa de designar apenas as "boas-novas" de vitória/entronização do César para afirmar a realeza de Deus em Jesus (Horsley, 2003, p. 55-57; Wright, 2005, p. 59-62). Em Ap 14,6-7, isso se traduz em culto ao Criador (contra a imagem da besta), confissão pública ("dai-lhe glória") e temor (sabedoria pactual) sob a urgência do juízo. Em termos pastorais, o "evangelho eterno" sustenta a possibilidade de vida santa e descanso prometido mesmo em uma sociedade obcecada pelo mundanismo. Ademais, a presença de Deus não apenas julga, ela redime e renova (Keener, 2013, p. 1296; Hossfeld; Zenger, 2011, p. 609-610).

A primeira mensagem (Ap 14,6-7) vincula o "evangelho eterno" e a prática cultual: "temei... dai-lhe glória... adorai o que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas". A teologia do culto, assim, deslegitima a soberania bestial e autoriza o veredito do Criador: "chegou a hora do seu juízo". O anúncio está ambientado no tribunal de Dn 7: Deus se assenta, revoga o domínio da besta e entrega o reino ao povo do Altíssimo (Dn 7,9-10.22.26). A retórica "temer/dar glória" ecoa fórmulas confessionais e forenses (Js 7,19; Jr 13,16), nas quais "dar glória" implica submeter-se ao veredito divino (Bauckham, 1993b, p. 64). Em paralelo, a segunda mensagem (Ap 14,8) antecipa Ap 18,2-3, declarando a queda antes de sua dramatização, sinal de que o juízo está em marcha e a vindicação dos santos é certa.

A terceira mensagem (Ap 14,9-11) explicita a lógica de coerção cultual-econômica: a "marca" (χάραγμα) na mão/fronte identifica o corpo como espaço público de lealdade; sem ela, "ninguém pode comprar ou vender" (Ap 13,16-17). Trata-se de um contrasselo paródico dos sinais de pertença do AT (Ex 13,9.16; Dt 6,8; 11,18) e do selo de Deus (Ap 7,2-4), invertidos a serviço da idolatria imperial (Ez 9,4-6; Ex 28,36-38) (Aune, 1998, p. 767-768; 776–778; Mounce, 1998, p. 259; Smalley, 2005, p. 349). A marca não é mero emblema físico, mas identificação prática e espiritual de pertença (Kuryliak, 2023, p. 162), e seu imaginário dialoga com aparato numismático e propagandístico romano (May, 2009, p. 83).

Nesse cenário, Ap 14,12 condensa uma identidade comunitária: perseverança (ὑπομονή) em "guardar os mandamentos de Deus" e manter "a fé [em/de] Jesus". A tríade retoma padrões de aliança do Deuteronômio e a semântica de resistência dos "santos" em Daniel (Dn 7,18.21.25; 12,7.12),

configurando lealdade que se expressa como culto e obediência (Koester, 2014, p. 615). Em todo o livro, ὑπομονή é termo ético-programático (Ap 1,9; 2,2.3.19; 3,10; 13,10; 14,12), e "guardar" (τηρεῖν) funciona como verbo da obediência perseverante (Ap 12,17; 14,12) (Osborne, 2002, p. 390-391). A fidelidade cristã, portanto, é simultaneamente culto e com-traculto frente à "divinização" do poder político (besta) e do fascínio da prosperidade econômica (Babilônia) (Bauckham, 1993a, p. 107-108; 176-177).

O tríptico Ap 14,11-13 articula a ética do descanso como contracultura. De um lado, os adoradores da besta "não têm descanso, dia e noite" (Ap 14,11); de outro, os que morrem "no Senhor" descansam de seus labores e têm suas obras reconhecidas pelo Espírito (Ap 14,13), selando a promessa para além da agitação idolátrica (AUNE, 1998, p. 824; Beale; Carson, 2007, p. 1081-1083; VAIDA, 2023). Em Ap 14, a comunidade que "guarda" e "crê" encarna um *ethos* que resiste à liturgia totalizante do império (Bauckham, 1993a, p. 176-177). No plano ético-social, essa postura propõe um regime ancorado na dependência de Deus e no refrigério da comunhão (DURAND, 2008, p. 7); a renúncia às pressões do mundo torna-se testemunho da soberania divina e antecipa o descanso escatológico (Petre, 2021, p. 36).

Em síntese, Ap 13–14 descreve uma adoração que converte lealdade política em culto e controle econômico em instrumento de conformidade religiosa. Contra esse sistema, a perseverança (14,12) integra culto, ética e esperança, e o "evangelho eterno" reordena publicamente a lealdade ao Criador e ao seu juízo justo.

Conclusão

Este estudo confirma a hipótese de que Ap 14,6-13 ter sido composto para ser lido em chave intertextual e que sua tríade angélica – evangelho eterno, adoração do Criador e anúncio de juízo – funciona como eixo literário-teológico do conflito de adoração em Ap 12-14. O entrelaçamento de fórmulas, imagens e léxico do AT não opera como ornamento, mas como matriz de sentido que reorienta a lealdade do povo de Deus em contexto imperial, integrando criação, culto e juízo em uma unidade coesa.

Metodologicamente, a aplicação de uma leitura intertextual canonicamente analisada e guiada pelos critérios de rastreio de alusões de Hays

e pelas categorias de uso do AT no NT adaptadas ao Apocalipse, a partir de Beale e Mathewson, mostra-se capaz de distinguir ecos plausíveis de associações livres e de evitar "paralelomania". A cartografia das âncoras revelou um padrão consistente: 1) o "evangelho eterno" ecoa os anúncios teofânicos e régios de Isaías (Is 40; 52; 61); 2) o tríptico "temei, dai-lhe glória e adorai" condensa sabedoria, confissão e liturgia sob a cláusula da criação (Ex 20,11; Sl 146,6; At 14,15), em diálogo com o tribunal de Dn 7; 3) a queda de Babilônia aproxima Is 21 e Jr 50-51; 4) a "marca" configura uma paródia do selo pactual (Ex 13; Dt 6; Ez 9), contraposta ao "nome" do Cordeiro; 5) o cálice do furor (Jr 25; Is 51) e a fumaça perpétua (Is 34,10) estruturam o veredito de 14,10-11.

No plano teológico, a antítese entre "descanso" e "não-descanso" emerge como síntese ético-litúrgica da perícope: se Ap 14,11 dramatiza o tormento incessante dos que se submetem aos poderes idolátricos, Ap 14,13 sela a "bem-aventurança" do repouso concedido aos que morrem "no Senhor", articulando memória, esperança e vindicação. Longe de legalismo, "guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus" (Ap 14,12) define a identidade pactual como perseverança cultual-ética, isto é, lealdade pública ao Criador contra a economia de adoração da besta. Assim, a tríade angélica desmonta a pretensão da soberania bestial, anuncia a queda de Babilônia e catequiza a comunidade para um culto que redistribui a glória: do império ao Deus que "fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas" (Ap 14,7).

Hermeneuticamente, os resultados reforçam que o Livro de Apocalipse cria novidade por reapropriação disciplinada do AT, não por ruptura semântica. A leitura intertextual canônica oferece salvaguardas contra leituras especulativas: as imagens são estabilizadas por suas redes intrabíblicas, e o campo de possibilidades interpretativas é regulado pelo próprio cânon bíblico. Nessa chave, Ap 14,6-13 funciona como liturgia de resistência: convoca temor, confissão de glória e adoração ao Criador, ao mesmo tempo em que denuncia a idolatria sistêmica e sustenta a perseverança como forma de vida.

Por fim, a investigação sugere desdobramentos frutíferos: (a) explorar a relação entre a semântica do descanso entre Ap 14,11-13 e Hb 4; (b) aprofundar o vínculo entre Ap 14,8 e o dossiê comercial-cultual de Ap 18; (c) examinar como a fórmula criacional em Ap 14,7 reconfigura a teologia do culto em Ap 4-5 e 10,6. Em todo caso, o que se demonstra é que a intertextualidade

não apenas ilumina Ap 14,6-13: ela revela o modo como o texto se constrói para formar um povo cuja perseverança, marcada pela obediência e pela fé, testemunha a realeza do Cordeiro em meio às pressões do império.

Referências

AGUIAR, Adenilton Tavares de. "You Must Prophesy Again": The Mission of God's People in Revelation 10-14. Tese (Doutorado em NT) – Andrews University, Berrien Springs, MI, 2022.

ALKIER, Stefan. From text to intertext: Intertextuality as a paradigm for reading Matthew. HTS Teologiese Studies / Theological Studies, v. 61, p. 1-18, out. 2005.

AMORIM, Maria Soares Gama. Gênero e virgindade no De Habitu Uirginarum (248-249) de Cipriano de Cartago: imagens e discursos no início do Cristianismo. Epígrafe, v. 10, n. 2, p. 396-415, jul. 2021.

ASAMOAH, Emmanuel Foster. Interpretation Approaches for Biblical Apocalyptic Literature: An Evaluation. E-Journal of Religious and Theological Studies, v. 6, n. 4, p. 236-242, jul. 2020.

AUNE, David Edward. Revelation 6-16. (Word Biblical Commentary 52B). Nashville: Thomas Nelson, 1998.

BARGELLINI, Emanuel; FRADE, Gabriel. À espera de sua vinda: uma leitura teológico-litúrgica do Tempo de Advento – Natal – Epifania e sua ligação com a Páscoa. Revista de Cultura Teológica, n. 74, p. 111-133, jun. 2013.

BAUCKHAM, Richard John. The Climax of Prophecy: Studies on the Book of Revelation. Edinburgh: T&T Clark, 1993a.

BAUCKHAM, Richard John. The Theology of the Book of Revelation. Cambridge: Cambridge University Press, 1993b.

BEALE, Gregory K. Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BEALE, Gregory K. The Book of Revelation. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

BEALE, Gregory K.; CARSON, Donald Arthur. (orgs.). Commentary on the New Testament Use of the Old Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

BLOCK, Daniel Isaac. The Book of Ezekiel, Chapters 1–24. (NICOT). Grand Rapids: Eerdmans, 1997.

BOXALL, Ian. The Revelation of Saint John. London; New York: Continuum, 2006.

BRUEGGEMANN, Walter. Sabbath as Resistance: Saying No to the Culture of Now. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2014.

CORREA, Teófilo. Significant Assumptions on the Methodology of Intertextuality and Inner-biblical Exegesis. In: ROJAS, B.; CORREA, T.; CAESAR L.; TURPO J. (eds.). The End from the Beginning: Festschrift honoring Merling Alomía. Lima: Fondo Editorial Universidad Peruana Unión, 2015. p. 299-309.

DE WAAL, Kayle. The Two Witnesses and the Land Beast in the Book of Revelation. Andrews University Seminary Studies (AUSS), Berrien Springs, v. 53, n. 1, p. 159-174, jan. 2015. Disponível em: https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol53/iss1/9/ Acesso em: 29 de ago. 2025.

DEIN, Simon. Covid-19 and the Apocalypse: Religious and Secular Perspectives. Journal of Religion and Health, v. 60, n. 1, p. 5-15, out. 2020.

DOS SANTOS, Pedro Paulo Alves. 'Stagnus Ignis': O Apocalipse reescreve Homero! "horizontes homéricos" na narração religiosa e mítica de textos e contextos apocalípticos (Ap 20, 14-15)? Caderno Seminal, v. 17, n. 17, p. 123-132, jun. 2012.

DURAND, Gilbert. O retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedade. Revista Famecos, v. 11, n. 23, p. 7-22, abr. 2008.

FEE, Gordon Donald. Apocalipse: comentário bíblico. [S.l.]: Base Livros, 2023. ISBN 978-65-88783-20-7.

FRIESEN, Steven J. Myth and Symbolic Resistance in Revelation 13. Journal of Biblical Literature, v. 123, n. 2, p. 281-314, 2004.

GONZAGA, Waldecir. Ap 19,1-8: Profetismo na Liturgia, Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 22, n. 60, set./dez. 2018, p. 566-585. Doi: https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.35761

GONZAGA, Waldecir. Introdução. In: GONZAGA, Waldecir (et alii). Palavra de Deus na perspectiva da Análise da Retórica Bíblica Semítica. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2023, p. 7-17.

GONZAGA, Waldecir; CARDOSO JÚNIOR, José Vanol Lourenço. "O justo pela fé viverá": uma análise de Rm 1,17 à luz de Hab 2,4. In: GONZAGA, Waldecir... [et al.]. Fé, justificação e ressurreição nas Epístolas do Novo Testamento. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix; Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023, p. 29-67. Doi do capítulo: https://doi.org/10.36592/9786554600828-01

GONZAGA, Waldecir; SILVA FILHO; José Rodrigues da. O Justo viverá pela fé não pela lei: Gl 2,16; 3,11 e sua base veterotestamentária (Hab 2,4 e Sl 143,2). In: GONZAGA, Waldecir... [et al.]. Fé, justificação e ressurreição nas Epístolas do Novo Testamento. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023a; Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 119-144. Doi do capítulo: https://doi.org/10.36592/9786554600828-04

GONZAGA, Waldecir; SILVA FILHO; José Rodrigues da. “O meu justo pela fé viverá”: Hb 10,36-39 e o uso de Hab 2,4 e Is 26,20. In: GONZAGA, Waldecir... [et al.]. Liberdade, humanidade e graça nas Epístolas do Novo Testamento. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix; Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023b, p. 171-200. Doi do capítulo: https://doi.org/10.36592/9786554600804-07

GONZAGA, Waldecir; RIBEIRO, Leandro dos Santos. O uso de Daniel na composição do modelo de Revelação no Apocalipse de João. Theologica Xaveriana, vol. 74, 2024, p. 1-29. • Bogotá, Colombia. Doi: https://doi.org/10.11144/javeriana.tx74.udcmr

HAYS, Richard B. Echoes of Scripture in the Letters of Paul. New Haven: Yale University Press, 1989.

HORSLEY, Richard. Jesus and Empire: The Kingdom of God and the New World Disorder. Minneapolis: Fortress Press, 2003.

HOSKIER, Herman. Concerning the Text of the Apocalypse: Collations of All Existing Available Greek Documents with the Standard Text of Stephen’s Third Edition...v. 2. Eugene, OR: Wipf & Stock, 2015.

HOSKINS, Paul. Priesthood in the Book of Revelation. The Southern Baptist Journal of Theology, Louisville, v. 22, n. 2, p. 101–117, 2018.

HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. Psalms 3: A Commentary on Psalms 101–150. Minneapolis: Fortress Press, 2011.

KEENER, Craig. Acts: An Exegetical Commentary. v. 2: 3:1-14:28. Grand Rapids: Baker Academic, 2013.

KELELUFNA, Jusuf Haries. et al. Misconceptions of the Sabbath as Rest: The Social Interpretation of Exodus 23:1-12 and Its Relevance. Evangelikal Jurnal Teologi Injili dan Pembinaan Warga Jemaat, v. 7, n. 2, p. 133-151, jul. 2023.

KOESTER, Craig R. Revelation. New Haven: Yale University Press, 2014.

KOESTER, Craig R. Roman Slave Trade and the Critique of Babylon in Revelation 18. The Catholic Biblical Quarterly, v. 70, n. 4, p. 766-786, 2008.

KOESTER, Craig. R. The image of the beast from the land (Rev 13:11-18): A study in incongruity. In: YARBRO COLLINS, A. (ed.). New Perspectives on the Book of Revelation. Leuven: Peeters, 2017. p. 333-352.

KRAYBILL, J. Nelson. Imperial Cult and Commerce in John’s Apocalypse. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996.

KURYLIAK, Bohdan. Interpretation of Revelation 13 in the writings of Ellen White. Multiversum Philosophical Almanac, v. 2, n. 2, p. 162-188, dez. 2023.

KURYLIAK, Bohdan.; KURYLIAK, Ihor. The Intermediate State: Revelation 6:9–11 and 20:4–6, 13 in the Light of Daniel 12:2–13. The Biblical Annals, v. 15, n. 1, p. 145-164, 2025.

LANZINGER, Daniel. 'A Sabbath Rest for the People of God' (Heb 4.9): Hebrews and Philo on the Seventh Day of Creation. New Testament Studies, Cambridge, v. 64, n. 1, p. 94–107, jan. 2018.

LEE, Chee-Chiew. Rest and Victory in Revelation 14.13. Journal for the Study of the New Testament, v. 41, n. 3, p. 344-362, jan. 2019.

LICHTENWALTER, Larry L. The Seventh-Day Sabbath and Sabbath Theology in The Book of Revelation: Creation, Covenant, Sign. Andrews University Seminary Studies (AUSS), v. 49, n. 2, p. 285-320, jan. 2011.

LOURIÉ, Basile. The "Synoptic Apocalypse" (Mt 24-25 Par.) and Its Jewish Source. Scrinium, v. 11, n. 1, p. 87-108, nov. 2015.

MACPHERSON, Anthony. The Mark of the Beast as a "Sign Commandment" and "Anti-Sabbath" in the Worship Crisis of Revelation 12-14. Andrews University Seminary Studies, v. 43, n. 2, p. 267-283, 2005

MATHEWSON, David. Assessing Old Testament Allusions in the Book of Revelation. Evangelical Quarterly, Cambridge, v. 75, n. 4, p. 311-325, 2003.

MAY, David M. The Empire Strikes Back: The Mark of the Beast in Revelation. Review & Expositor, v. 106, n. 1, p. 83-98, fev. 2009.

McFADDEN, Kevin W. The Πίστις Χριστοῦ Debate and Its Recent Developments. Reformed Theological Review, Melbourne, v. 82, n. 3, p. 237–264, 2023.

MÖLLER, Francois P. Three perspectives on the Sabbath. In die Skriflig/In Luce Verbi, v. 53, n. 1, Art. a2394, 19 jan. 2019. DOI: 10.4102/ids.v53i1.2394.

MOUNCE, Robert H. The Book of Revelation. (NICNT, rev. ed.). Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

MOYISE, Steve. The Old Testament in the Book of Revelation. JSNTSup, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.

NEWALL, Marcello. The Roman Arena Overturned: Revelation 14:9-11 as God's Wrath in History. The Expository Times, v. 133, n. 11, p. 457-467, mai. 2022.

NIELSEN, Kirsten. Intertextuality and biblical scholarship. Scandinavian Journal of the Old Testament, v. 4, n. 2, p. 89-95, jan. 1990.

OSBORNE, Grant R. Revelation. Grand Rapids: Baker Academic, 2002.

PAULIEN, J. Revisiting the Sabbath in the Book of Revelation. Journal of the Adventist Theological Society, v. 9, n. 1, p. 179-186, jan. 1998.

PECKHAM, John C. Canonical Theology: The Biblical Canon, Sola Scriptura, and Theological Method. Grand Rapids: Eerdmans, 2016.

PETRE, Dan-Adrian. Eschatological Dimensions of the Seventh-day Sabbath within the Adventist Doctrinal Framework. Revista Theologika, v. 36, n. 1, p. 36-60, jun. 2021.

PIAZZOLLA, Francesco. The Theological Purpose of Verbal Tenses and Moods in Revelation's Hymns. Liber Annuus, v. 69, p. 287-325, jan. 2019.

PRICE, Simon R. F. Rituals and Power: The Roman Imperial Cult in Asia Minor. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

RODRÍGUEZ, Raul A. La palabra de Dios para la salvaguarda de la creación: Una reflexión desde la Biblia para reestablecer la alianza Dios-humanidad-Creación. Anglican Theological Review, v. 103, n. 2, mai. 2021. DOI: 10.1177/00033286211007418.

ROSELL, Sergio. John's Apocalypse: Dynamic word-images for a new world. HTS Teologiese Studies / Theological Studies, v. 67, n. 1, jun. 2011. Art. a832. DOI: 10.4102/hts.v67i1.832.

SHEA, William H. Literary and Theological Parallels Between Revelation 14-15 and Exodus 19-24. Journal of the Adventist Theological Society, v. 12, n. 2, p. 164-179, jan. 2001.

SMALLEY, Stephen S. The Revelation to John. Downers Grove: IVP; London: SPCK, 2005.

SONG, Young Mog. The principle of Reformed intertextual interpretation. HTS Teologiese Studies / Theological Studies, v. 62, n. 2, p. 607-634, set. 2006.

STEFANOVIC, Ranko. Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation. 2. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2009.

SWEARINGEN BATES, Marcus. A True-Blue American Paradox: The Constitutional Tension between Religious Liberty and Sunday Legislation in the United States. Journal of Interdisciplinary Graduate Research, Collegedale, TN, v. 4, n. 1, p. 1-35, jan. 2018.

TONSTAD, Sigve. The Lost Meaning of the Seventh Day. Berrien Springs: Andrews University Press, 2009.

VAIDA, Cristian. Sabbath and Sunday: The meaning of the day of rest in the ancient church – A hope for the future? HTS Teologiese Studies / Theological Studies, v. 79, n. 1, fev. 2023. Art. a8263. DOI: 10.4102/hts.v79i1.8263.

VAN RENSBURG, Hanré Janse. The revelations of Revelation: The book that fits, even when it does not. HTS Teologiese Studies / Theological Studies, v. 77, n. 4, jul. 2021. Art. a6786. DOI: 10.4102/hts.v77i4.6786.

VILLIERS, Pieter G. R.; MARCHINKOWSKI, George. Sabbath Keeping and Sunday Observance as Spiritual Practice. Stellenbosch Theological Journal, v. 6, n. 2, p. 175-200, jan. 2021.

WENKEL, David H. The Gospel of Matthew and Apocalyptic Discourse. The Expository Times, v. 132, n. 6, p. 259-270, dez. 2020.

WRIGHT, Nicholas Thomas. Paul: In Fresh Perspective. Minneapolis: Fortress Press, 2005.

YARBRO COLLINS, Adela. "The Political Perspective of the Revelation to John." Journal of Biblical Literature, v. 96, n. 2, p. 241-256, 1977.

ZHIGANKOV, Oleg. The "Springs of Water" in Revelation 14:7. Journal of Asia Adventist Seminary, Filipinas, v. 14, n. 2, p. 171-184, 2011. Disponível em: https://journals.aiias.edu/jaas/article/view/656.